

Imagem Maxacali é de pedinte e alcoólatra

Fotos de Paulo de Deus

190 MÂRCIO GOMES
De Bertópolis

Cultura

Sentado numa carteira escolar 30 anos atrás, o pequeno José Marcondes Rodrigues de Souza sonhava um dia conhecer os índios da História que sua professora contava. Era um sonho distante, muito embora a 40 quilômetros do centro de sua cidade, Bertópolis (MG), no Vale do Mucuri, uma tribo indígena Maxacali lutasse pela sobrevivência, em um contexto bem distante da poética imagem recebida pelo pequeno José.

"E hoje o que pensam as crianças de seis anos de Bertópolis sobre o índio", diz José Marcondes, referindo-se à imagem de pedinte, maltrapilho e alcoólatra, que se criou do Maxacali na região. "Foi o índio que mudou?", questiona Marcondes. Certamente que índio, branco e órgãos governamentais de proteção mudaram, mas a imagem negativa formada entre a população da região continua ainda distante da realidade.

"O índio sai para caçar o que não é dele", ataca José Marcondes, contando logo depois que seu avô comprou muita mata na região. "Chegava, entrava na mata, ia abrindo, abrindo, fazia uma posse, e depois vendia". Assim como o velho patriarca Marcondes, muitos outros ocuparam a região, alguns em área própria dos índios. O resultado é que quase 90% das duas áreas indígenas estão totalmente desmatadas, com redução drástica de seus territórios de caça e coleta.

A transformação da caça e coleta em ações esporádicas e eventuais entre os índios não criou somente a necessidade de mudança da atividade econômica da tribo. Trouxe a pressão em toda cultura Maxacali, povo que se destaca pela busca constante do equilíbrio interno (com o espírito) e externo (com a natureza), a todo momento ritualizado. Para manter essa sintonia, tudo vale, mesmo que faça crescer ainda mais o preconceito da sociedade branca.

Sem os materiais fornecidos pela natureza, os índios Maxacali buscam no mundo industrial o que necessitam. "As tinturas antes conseguidas no meio ambiente, como o urucum, foram substituídas por tintas químicas", observou a antropóloga Myrian Alvares, de Belo Horizonte, que por cinco meses conviveu com os Maxacali para realização de sua tese. Também as máscaras de folha e madeira utilizadas nos rituais caíram para entrar as de tecido. "Sem os elementos naturais, estão reinterpretando", conclui.

Além do material empregado nos rituais, os índios substituíram também o próprio elemento ritualizado. Mesmo sem mata e sem caça silvestre, os bois "caçados" nas propriedades vizinhas não deixam de ser ritualizados, numa demonstração de amizade, agradecimento e equilíbrio com o "espírito" do animal. E não é raro comprarem animais de menor porte, como galinhas e porcos para a realização desses rituais.



Embora conserve costumes e parte da memória Maxacali, a imagem do índio hoje é negativa

Usos e costumes, mitos e ritos

□ Não há possibilidade de um líder familiar sobrepor-se e dominar a outro. Neste caso haveria um confronto guerreiro, e independentemente do resultado do conflito não haveria dominação.

□ A forma tradicional de casamento implica um confronto de residência do jovem aproximadamente por um ano com o grupo da esposa na casa dos pais da noiva, até o nascimento do primeiro filho quando então adquirirá o direito de levar a família para o próprio grupo.

□ As crianças são treinadas, desde pequenas, para aprenderem a suportar a dor, sem chorar ou reclamar, quando se machucam ou estão doentes.

□ Os Maxacali precisam possuir, ao longo de suas vidas, cantos e espírito para formarem-se como pessoa. □ Possuir um espírito é a condição para se atingir a maioria Maxacali. Os cantos são sempre transmitidos dos pais para os filhos e, idealmente, fazem parte de um repertório que não se perde.

□ Os grupos de espíritos possuem nomes próprios, assim como os subgrupos, relacionados aos elementos da natureza como o sol, a lua, as estrelas, a cachoeira, o fogo, às espécies vegetais e animais - principalmente aos pássaros

□ Durante o período menstrual e pós-parto, tanto o

marido quanto a mulher, ficam impedidos de tocar a própria pele com as mãos ou de pentearem os cabelos. Para se coçarem eles usam um pauzinho. Caso contrário a pele "despregar-se-ia" do corpo - em bolhas malcheirosas.

□ Durante todo o período do resguardo a mulher fica totalmente dependente de outra mulher (geralmente sua mãe, ou uma irmã) que virá todos os dias para fazer sua higiene pessoal, realizar todas as tarefas que lhe caberia, como cozinhar, cuidar das crianças, ir à roça.

□ Geralmente uma parente próxima, uma mocinha ainda solteira, muda-se para sua casa nessa época e permanece até que ela seja capaz de reassumir suas atividades normalmente.

□ O parto é realizado de cócoras e sempre ocorre dentro de casa. A mulher é assistida apenas por sua mãe, ou (geralmente também) pelo marido. É ele quem irá "amparar" a criança no momento que ela nascer. E ajudará a sua sogra a cortar o cordão umbilical da criança.

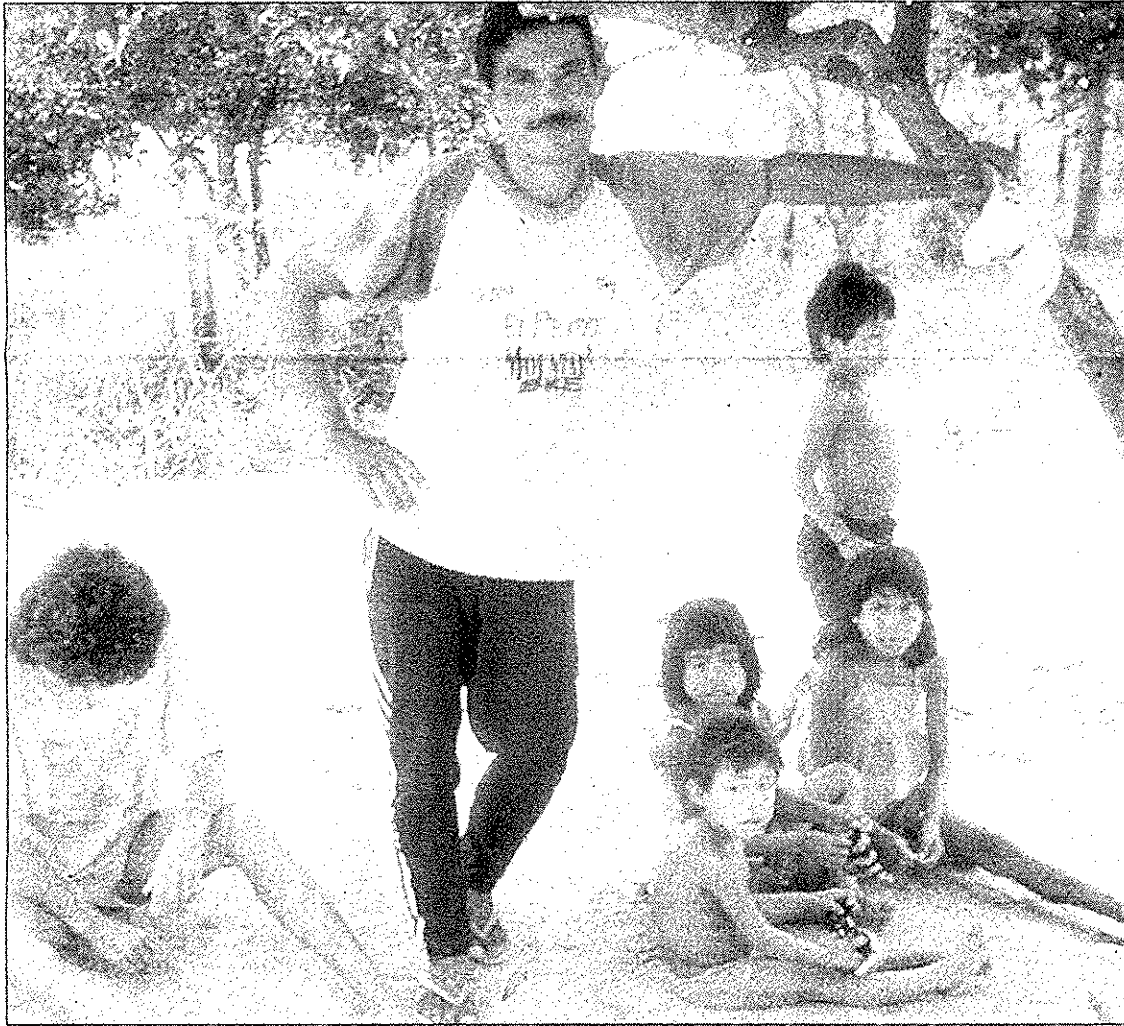
□ Acredita-se que o ciclo menstrual "natural" de todas as mulheres acompanha o ciclo lunar, e a perda do sangue inicia-se quando a lua surge pela primeira vez no céu, após as noites escuras da lua nova.

□ É o ato sexual que provoca a menstruação - "chama o sangue".

□ O padrão estético do corte de cabelos Maxacali é franja acima das sobrancelhas. Para as mulheres é feito mais um corte na altura das orelhas e o restante do cabelo é deixado crescer livremente. Para os homens usa-se um corte arredondado até a nuca. O importante é deixar a face sempre visível

□ A fumaça é utilizada em todas as situações rituais. É soprada nos olhos das crianças durante a época da iniciação, para que estas aprendam a ver os espíritos. É passada sobre o corpo dos doentes durante os rituais de cura. (MG)

● No próximo domingo, a última reportagem da série: é possível conciliar a cultura e os conflitos indígenas.



O Maxacali acredita que a feitiçaria provoca doenças, e apesar de todas as dificuldades na tribo, sobra tempo para que os adultos repassem os costumes antigos às crianças subnutridas



Um flagelo para os índios

Entre a fuga à realidade e um forte componente de indução promovido por muitos mas não assumida por nenhum civilizado, o alcoolismo se tornou um dos grandes flagelos do índio Maxacali. Sem estrutura até mesmo para acompanhar os casos mais graves, a polícia da região está longe de chegar até aos inúmeros comerciantes clandestinos de cachaça, interessados em entregar a qualquer criança um litro da bebida com destino certo: o indígena, disposto a dar até uma saca de feijão em troca da pinga.

Se passasse pelo desconhecimento de preços, esse disparate entre valor e remuneração não chegaria a chocar. Mas é unicamente o vício que tem levado os índios a trocarem alimentos - às vezes distribuídos pela Funai - e mesmo "moeda" pela bebida alcoólica. "Acima de sete anos, todos bebem", radicaliza o funcionário da Funai, Carlindo Ferreira das Neves, há mais de 30 anos convivendo com os Maxacali. "Feio é chegar por aqui nos dias em que estão embriagados", alerta.

Fuga psicológica ao constante processo de pressão social, cultural, ou mesmo doença, numa explicação biológica, o certo que é ninguém tem a resposta definitiva porque os índios em geral caem no alcoolismo. "Se tivesse a resposta, seria metade do caminho andado para eliminar esse problema", avalia a antropóloga Myrian Alvares. Certamente que ao introduzir na década de 20 a bebida entre os Maxacali, o posseiro conhecido como "mestre

Rafael, tinha conhecimento do efeito bombástico que provocaria. "Apossaram das terras intermediárias e instalaram alambiques, utilizando o produto para acalmar os índios", constata outra antropóloga, Maria Hilda Parafso, da Universidade da Bahia, responsável pela realização do laudo antropológico dos Maxacali.

Destruição

O resultado desse alcoolismo é a auto-destruição. Embora o infanticídio (matar uma criança indesejada logo após o nascimento), seja negado pelos Maxacali, existe registro de um onde a mãe, por duas vezes consecutivas matou os filhos de poucos meses - a primeira vez, deixando-o cair no chão, e na segunda vez por sufocamento. Nas duas vezes seu marido havia abandonado-a e, de acordo com os índios, ela estava bêbada. Essas mortes foram praticadas em público, no pátio da aldeia, em meio ao pranto e gritos de desespero por parte da mãe.

"Durante todo o período que estive em campo - 15 meses, ao todo - ocorreram dez mortes, sendo uma mulher, assassinada por seu próprio filho bêbado", relata a antropóloga Myrian Alvares. Ela se refere à mulher de Mané-Kaka, um dos líderes da aldeia Pradinho, morto no ano passado com cólera. A mulher foi assassinada pelo filho mais velho, embriagado, quando voltavam de uma feira de Batinga, distrito de Itanhém, município baiano que faz divisa com a cidade mineira de Bertópolis. (MG)

Doença separa a alma do corpo

Roubo de pessoas doentes. Longe de ser uma aventura cinematográfica, esses acontecimentos rondam os hospitais da região do Vale do Mucuri, quando recebem ilustres pacientes Maxacali. Numa concepção totalmente diversa do homem branco, a doença para o índio Maxacali é provocada pela separação da alma do corpo, qualquer que seja o sintoma, e como tal deve ser tratada. Através dos rituais.

Isso não significa o descarte dos medicamentos. Eles têm seus preparos e acreditam nos remédios dos civilizados, porém, é preciso a realização dos rituais para que a alma volte ao corpo, retomando o equilíbrio da pessoa. Por causa disso, é comum entre os Maxacali, retirarem, às vezes escondidos, índios que tenham

sido internados nos hospitais para tratamento. "No período da cólera, um grupo de indígenas atacou de pedras o hospital da cidade, na tentativa de levar uma mulher e uma criança para serem tratados na aldeia", relembra o delegado de Águas Formosas, Cleuberti Teixeira.

Espíritos

Há no discurso Maxacali duas categorias de causa para a doença. A primeira seria aquela provocada pela feitiçaria dos inimigos. A segunda, seria causada pelo rapto do espírito do vivente pelo espírito de um parente morto recentemente. "São os mortos, desejosos do Koxuk dos vivos, que vêm roubá-lo, levá-lo consigo para o além", conta a antropóloga Myrian Alvares. A doença é a

saudade daqueles que partem, dizem os Maxacali. Enquanto a doença é causada pelos próprios parentes mortos, a morte é provocada pelos inimigos mortos.

Portanto, a doença implica num duplo movimento entre os dois níveis - o além e a terra, que se atraem de forma imprópria, e por isso, é necessário que a ordem seja restabelecida e a separação entre os mundos reinstaurada. Antes, porém da realização dos rituais, os participantes reunidos na casa do doente, discutem o diagnóstico da doença. Como a doença está intimamente ligada com o sonho, os diagnósticos sobre a separação do espírito do corpo às vezes mudam, seja por indicações de novos sonhos ou por constatarem a presença da morte. Por isso, é preciso a realização de novos rituais, nem que seja preciso roubar o paciente do hospital.

Por causa dessa crença cultural, um centro hospitalar foi construído na reserva Fradinho, o que tem proporcionado sérias críticas à Funai. A obra, executada apesar da falta de mão-de-obra e equipamento, foi aprovada para não se "perder" os recursos liberados, pensando na aproximação do índio enfermo de seus familiares. "Muitas crianças morrem quando são retiradas dos hospitais. Assim, sendo a unidade dentro da aldeia, o paciente pode ser levado ao ritual e restituído para o tratamento médico, sem maiores riscos", justifica Myrian Alvares. (MG)



Por causa de crença antiga, os Maxacali roubam doentes no hospital